

## ENTREVISTA COM ANA MÜLLER: O AMOR PELA PESQUISA E A EXPANSÃO DA SEMÂNTICA FORMAL NO BRASIL

INTERVIEW WITH ANA MÜLLER: A CAREER GUIDED BY THE LOVE OF RESEARCH AND THE EXPANSION OF FORMAL SEMANTICS IN BRAZIL

Ana Müller<sup>1</sup>

Ana Paula Quadros Gomes<sup>2</sup>

Luciana Sanchez Mendes<sup>3</sup>

### Entrevistada

Ana Lúcia de Paula Müller é professora titular do Departamento de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo (USP) e livre docente pela USP, pesquisadora em semântica formal, semântica de línguas indígenas brasileiras, semântica do português e semântica e ensino, uma das fundadoras da área de estudos de semântica formal, na linha de Partee (1986), Heim e Kratzer (1998) no Brasil, fundadora do Workshop on Formal Linguistics e homenageada da décima-quarta edição, o XIV Workshop on Formal Linguistics, que teve lugar em 2024, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

REVISTA LINGÜÍSTICA: Você tem muito a dizer sobre a história da Semântica Formal no Brasil e sobre a história do “Workshop on Formal Linguistics”, mas, antes, você poderia falar um pouco sobre o seu percurso acadêmico antes e durante a formação em Linguística Formal? Muitos colegas gostam de se lembrar de sua graduação em Física, mas poucos conhecem qual foi o caminho entre a Física e a Linguística, mas especificamente a Linguística Formal.

ANA MÜLLER: Me formei em Física, pela Universidade de São Paulo, em 1982. Não fui uma grande aluna. Estava concentrada em participar da política estudantil. Eram os tempos da ditadura. Em 1984, casei com um colega físico que foi fazer doutorado em Cambridge, Inglaterra. Por este motivo, morei em Cambridge e Oxford, na Inglaterra, por um ano e meio (1984-1985). Nesse período, como eu sempre gostei de línguas, resolvi participar, como ouvinte, dos cursos da área. Acabei me identificando com a linguística. Na Universidade de Cambridge, fiz cursos com Stephen Nolan, Peter Matthews e Stephen Levinson. Fiz mesmo um curso com o filósofo Peter Strawson, na Universidade de Oxford. Depois dessa experiência, resolvi me tornar linguista. Me separei e voltei ao Brasil.

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo (USP), [anamuler@usp.br](mailto:anamuler@usp.br), <https://orcid.org/0000-0002-8728-9788>.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), [anaquadrosgomes@letras.ufrj.br](mailto:anaquadrosgomes@letras.ufrj.br), <https://orcid.org/0000-0002-3476-0193>.

<sup>3</sup> Universidade Federal Fluminense (UFF), [sanchez\\_mendes@id.uff.br](mailto:sanchez_mendes@id.uff.br), <https://orcid.org/0000-0002-5459-6968>.

Acabei tendo a sorte de que, quando voltei da Inglaterra e fui morar provisoriamente na casa da minha mãe em Curitiba, o mestrado em Letras e Linguística tinha acabado de ser inaugurado na Universidade Federal do Paraná. Então, fui integrante de sua primeira turma. Esse era um projeto novo em que todos estavam muito envolvidos (tanto professores quanto alunos). Nesse período, tive aulas com Carlos Faraco, José Borges Neto e Leda Bisol, professores por quem tenho admiração até hoje. A partir do estímulo desses docentes, estudei bastante e comecei a participar de eventos como a SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) e o Instituto de Verão da Associação Brasileira de Linguística.

A identificação com a Linguística Formal já havia tido início em Cambridge, quando estudei o livro de Lyons *Language, meaning, and context*. Na UFPR, ela se consolidou a partir das aulas de José Borges Neto sobre Semântica Formal. Me identifiquei tanto com a área como com o docente, que acabou sendo meu orientador extraoficial, pois, na época, ele ainda não havia terminado seu doutorado. Minha dissertação de mestrado na Universidade Federal do Paraná – UFPR – foi oficialmente orientada por José Luiz da Veiga Mercer, que sempre me apoiou muito. O tema foi a gramática de Montague – *Um estudo sobre a gramática de Montague e sua aplicação a um fragmento do português*.

Me identifiquei tanto com o modo de pensar e trabalhar da Semântica Formal que nunca cogitei em trabalhar em outros modelos ou áreas. Depois do mestrado na UFPR, fiz a matrícula no doutorado na UNICAMP em 1988. Minha ideia era finalizar rapidamente o mestrado para que pudesse começar o doutorado. Entretanto, isso ocorreu justamente quando fui aprovada no concurso para professor no Departamento de Linguística da USP. Então, fiz o trancamento do doutorado, mas acabei voltando para o curso em 1990.

Durante todo o período de meu doutoramento trabalhei como docente no Departamento de Linguística da USP, exceto por 6 meses de licença. Durante o doutorado fui, por algum tempo, bolsista da CAPES (bolsa auxílio-deslocamento). Estar circulando entre a USP e a UNICAMP foi um privilégio. Acho que vivi o melhor das duas grandes instituições brasileiras. Na UNICAMP, alguns professores que tiveram um grande impacto em minha formação foram Charlotte Galves, Maria Irma Coudry, Sirio Possenti, Rodolfo Ilari e Leonora Albano. Por outro lado, foi bastante duro fazer o doutorado, trabalhar e ter um filho – tudo ao mesmo tempo.

Completei minha formação na área de Semântica Formal com um pós-doutorado na Universidade de Massachusetts, onde pude fazer cursos com Barbara Partee e Angelika Kratzer.

REVISTA LINGUÍSTICA: Você enfrentou dificuldades ou alguma resistência da parte das instituições de ensino superior quanto à mudança de área da graduação (Física) para o mestrado e o doutorado (Linguística)? Você avalia a cultura do Brasil quanto a guinadas nos campos de estudos como acolhedora ou dura?

ANA MÜLLER: Quando eu entrei na USP em 1989, o Departamento de Linguística vivia uma situação complicada. O chefe do departamento, entre 1986 e 1990, era Cidmar Teodoro Pais, o único

Professor Titular. Sua mulher, Maria Aparecida Barbosa, a única Livre-Docente do Departamento, era nossa eterna vice-chefe. Da mesma forma, ambos eram coordenador e vice coordenador da Pós-graduação em linguística vinculada ao departamento.

A chefia era exercida com autoritarismo, manipulação da burocracia e total má fé. Isso em uma época em que, segundo os estatutos da USP, a chefia só poderia ser exercida por professores titulares e a vice chefia por titulares ou livre docentes. Por essa razão, a abertura de concursos para novos titulares e/ou livre docentes era sempre bloqueada pela chefia. As reuniões eram agendadas sempre para as sextas-feiras e suas convocações eram entregues de um dia para o outro. Elas acabavam sendo alongadas até tarde da noite com o propósito de que fossemos embora para garantir aprovação de certas medidas, entre outras perversidades. Não recebíamos nossa correspondência e a verba era empregada segundo diretrizes nada transparentes e sem a consulta dos docentes. Como é possível imaginar, nesses anos, a relação entre os professores e a chefia era bem tensa.

Por outro lado, a necessidade de conviver com essa situação e de tentar revertê-la gerou uma solidariedade grande entre os outros docentes. Imagino que essa tenha sido uma das razões pelas quais não encontrei hostilidade entre os professores pelo fato de ser de outra área.

A chefia, no entanto, usou muito esse fato para disseminar intrigas entre os alunos e voltá-los contra mim. É justo dizer que as intrigas eram usadas contra todos os “inimigos”. No entanto, eu era o elo mais fraco da cadeia – quando entrei não tinha terminado sequer o mestrado, enquanto todos os outros docentes já eram doutores. Minha formação em linguística estava centrada apenas na linguística formal e tinha apenas 2 anos e meio de vida.

Às vezes, comentários sobre minha formação vinham de outros departamentos. Houve uma vez em que eu não lembrava como traduzir a palavra “utterance” para o português e disse, em aula, que chamaria provisoriamente de “uterância”. Minha ignorância deu uma volta pelos corredores e eu fui checada por um de meus colegas. Evidentemente, tudo isso foi mudando com a troca do contexto político no departamento e meu avanço na carreira.

Não lembro de sofrer preconceito em eventos da área de linguística formal. Não sei dizer se poderia ter sido diferente em outras áreas. Assim, posso dizer que, dentro da linguística formal, não encontrei preconceito por ser formada em outra área. Já entre os docentes mais antigos da Letras, pode ser que houvesse algum preconceito.

REVISTA LINGÜÍSTICA: Você pode nos falar sobre como é ser uma cientista mulher no mundo da pesquisa linguística? Você considera que o machismo presente na nossa sociedade pode ter sido um entrave em algum momento? E quanto ao etarismo? A seu ver, o etarismo existente no Brasil tem reflexos na esfera acadêmica? Como profissional mulher e da sua idade, você se sente suficientemente reconhecida pela sua vasta experiência e carreira consolidada, ou acha que os pesquisadores mais jovens e os homens ficam mais no radar em geral, sendo mais lembrados pelos representantes da área?

ANA MÜLLER: Acho que na Linguística, o machismo é bem menos presente que em outras áreas, uma vez que a grande maioria de nós somos mulheres. De qualquer jeito, sempre me chamou a atenção que os nossos “homens” podiam se referir a outros linguistas homens como “brilhantes”, mas nunca os vi usarem essa palavra para se referir a mulheres linguistas. Elas são no máximo “inteligentes” ou, muito raramente, “muito inteligentes”.

Se esse machismo chegou a ser um entrave, não sei dizer. Acho que nós mulheres somos condicionadas a não desejar certos cargos de direção e eu não era diferente. Quanto a publicações e participações em eventos ou bancas, não percebi entraves. Às vezes percebia que certos/as colegas preferiam valorizar e chamar colegas do sexo masculino. Pessoalmente, não percebi que isso chegou a me prejudicar alguma vez.

Tenho pensado bastante no etarismo, pois estou chegando à idade da aposentadoria compulsória. É difícil distinguir se foi sua especialidade que se tornou menos relevante ou se foi você que se tornou menos relevante. Isso posto, eu sinto que a gente vai saindo do “spotlight” e que talvez isso seja normal e saudável. Não deixa de ser pessoalmente um tanto difícil, no entanto.

Sim, eu me sinto bastante e suficientemente reconhecida (vide a homenagem que vocês organizaram para mim e esta entrevista, por exemplo). Quanto aos representantes de área, não sei dizer. Eles vão variando e, se é que favorecem algumas pessoas ou instituições, penso que aí a questão é muito mais política do que etária.

REVISTA LINGUÍSTICA: Quando você começou a docência na USP, não havia outros professores de semântica formal no seu programa, e eram bem poucos em todos o país. Quais são os percalços e as alegrias de ser uma pioneira numa área de conhecimento? Nessa esteira, podemos lembrar que o “Workshop on Formal Linguistics” de 2024 foi a 14ª edição e teve você, a fundadora, como homenageada. Colocando as primeiras edições do início dos anos 2000 em perspectiva, que diferenças você vê entre elas e essa última?

ANA MÜLLER: Uma coisa de que eu me dei conta no meu concurso de titular foi que eu nunca penso muito sobre o que estou planejando, eu simplesmente vou fazendo o que acho importante. E as coisas foram acontecendo para mim, fui me aliando a outras pessoas da linguística formal, fui crescendo e formando pesquisadores, que por sua vez foram avançando em suas carreiras. E, no fim, temos uma área bonita e cheia de vida, não?! Sou muito orgulhosa de vocês e de todos os meus alunos e também de mim mesma por ter sido uma parte de tudo isso.

Pensando bem, agora me dou conta de que talvez a parte mais importante na construção de uma nova área seja a formação de “bons” pesquisadores. Por “bons”, eu entendo também pessoas éticas e agregadoras. Uma área não cresce apenas com pesquisadores bons apenas no sentido da qualidade dos trabalhos que publicam.

REVISTA LINGUÍSTICA: Em relação aos temas recentes presentes nas pesquisas em Semântica Formal, quais são os principais ganhos para a ciência e para a sociedade em trabalhar com uma língua indígena, sub-representada e minorizada, como o Karitiana?

ANA MÜLLER: A pesquisa sobre as línguas pouco estudadas pela linguística formal tem muito a contribuir com o avanço de nosso conhecimento sobre as línguas humanas. Por exemplo, fenômenos como a pluracionalidade, os sistemas temporais futuro-não-futuro, a total ausência de conectivos, a ausência de quantificadores nominais, entre outros, eram conhecidos da linguística descritiva, mas tinham sua semântica, quando descrita, descrita muito superficialmente. Hoje sabemos, por exemplo, que as línguas usam de outros mecanismos para expressar relações como “antes” e “depois”, mecanismos de significado que prescindem do uso desses conectivos. E quando sabemos mais, a sociedade ganha no número de escolhas que pode fazer.

Por outro lado, quando estudamos essas línguas, valorizamos sua existência e a existência de outros povos e culturas.

REVISTA LINGUÍSTICA: Como e por que esse trabalho com o Karitiana foi transformado num projeto coletivo, com tantas iniciações científicas, tantos mestrados e doutorados olhando para a semântica da língua? Em especial para você, a longo prazo?

ANA MÜLLER: Para mim, o estudo de uma língua sub-representada criou uma oportunidade maior de ter um impacto internacional. Evidentemente, ninguém iria me ouvir se eu falasse bobagens, mas com os trabalhos sobre o Karitiana, acho que as portas se abriram mais rapidamente.

O fato de haver tornado o estudo da semântica do Karitiana um projeto coletivo se deu porque a semântica de uma língua não é trabalho para uma pessoa só. Quando se quer compreender o funcionamento de uma língua com a profundidade exigida pela Semântica Formal, eu acho que é necessário um esforço coletivo. E, pessoalmente, eu não me contento com descrições superficiais ou pouco coerentes.

REVISTA LINGUÍSTICA: Nós, seus orientandos, ficamos marcados por ouvir em suas apresentações e aulas a frase “shoot for the universal”. Ainda compensa buscar universais semânticos, mesmo que depois a empiria os derrube?

ANA MÜLLER: Eu adoro o “shoot for the universal”. Acho que foi proposto por Emmon Bach. Essa concepção nos força a produzir dados e teorias comparáveis. Também torna possível a elaboração de generalizações, mesmo sabendo que elas são sempre provisórias na ciência. Um cientista tem que ser capaz de conviver com isso. Além disso, eu não penso que nossas descobertas são sempre falsificadas. O mais comum é descobrirmos que elas eram descobertas parciais ou acontecer que uma nova teoria dê um novo significado a elas.

Eu não sou uma desiludida dos universais. Ao estudar os sistemas temporais das línguas humanas, por exemplo, percebi que são todos organizados em uma flecha do tempo, dividida pelo momento da enunciação entre o passado e o futuro. O que muda entre os sistemas temporais é se representamos o momento da enunciação como parte do passado ou como parte do futuro. É uma variação muito pequena, não?

REVISTA LINGUÍSTICA: Atualmente, há um movimento no sentido de aproveitar os conhecimentos da ciência linguística em propostas de ensino de língua, criando uma ponte entre semântica formal e ensino básico. Seu trabalho tem sido parte importante desse movimento. Como você vê essa articulação linguística-ensino no presente, em especial quanto à semântica formal? Em que já avançamos? Em que estamos ainda bem atrasados? Que caminhos devemos trilhar para avançar mais no futuro?

ANA MÜLLER: Vejo como muito positivos os esforços para traduzir nossos conhecimentos sobre a semântica do português brasileiro para o ensino básico e para a formação de professores. É interessante lembrar que esses esforços foram, em grande parte, induzidos pela CAPES através de sua exigência de que os programas de pós-graduação também fossem avaliados por seu impacto social.

Já avançamos muito na tradução de nossas descobertas acadêmicas através da produção de material que tem tido impacto na formação dos alunos (futuros professores) de diversos cursos de Letras e na formação de professores que já atuam no ensino básico. Dentro desse trabalho de “tradução”, não saberia dizer em que estamos atrasados.

Gostaria de dizer que não sou, de modo algum, uma conhecedora da situação do Ensino Fundamental. No entanto, penso que qualquer melhoria do ensino passa pela valorização do professor e que isso, em primeiro lugar, significa melhores salários.

REVISTA LINGUÍSTICA: A comissão organizadora do “XIV Workshop on Formal Linguistics” contou com três pesquisadores que foram orientados por você. E teve ainda o lançamento do livro “Jornada pelos significados: contribuições de Ana Müller para a semântica”, em sua homenagem, organizado e escrito por seus ex-orientandos. Do ponto de vista profissional e pessoal, como é ver a presença de seus ex-orientandos hoje na universidade? Para além dessa atuação dos ex-alunos, qual foi o momento mais gratificante da sua carreira individual, ou os mais fortemente positivos?

ANA MÜLLER: Ver meus orientandos atuando em ótimas universidades, orientando, publicando, participando e organizando eventos é um orgulho pra mim! Noto que estão abrindo novas frentes de pesquisa e mostrando muita autonomia – um orgulho por aqui também! Além disso, são todos bons pesquisadores e pesquisadores bons e sabem cooperar. Quem poderia pedir mais!!!

Beeeeeeeeem... o momento mais gratificante foi a homenagem que vocês organizaram pra mim, é claro! Houve também outros momentos que foram muito gratificantes, como quando consegui ter um trabalho aceito no Sinn & Bedeutung, quando tive meu primeiro artigo aceito para publicação, algumas descobertas durante a pesquisa, quando eu passei no concurso da USP, quando quase todos meu ex-orientandos foram a meu concurso de livre docência, as festinhas lá em casa, e por aí vai...

REVISTA LINGUÍSTICA: Num texto de 2012, você, José Borges Neto e Roberta Pires de Oliveira salientam que

Apesar desse florescimento nacional e internacional da semântica formal, da abrangência de seus estudos, essa é ainda uma das áreas da linguística que conta com poucos pesquisadores no Brasil, mas que está em crescimento. Embora, como vimos, sua história seja já relativamente longa nos meios acadêmicos brasileiros, data dos anos 70, sua difusão é ainda restrita. Talvez a exigência de raciocínio formal, de conhecimentos de lógica e certa familiaridade com a manipulação de formalismos, muitas vezes distantes da formação oferecida por nossos cursos de Letras, afaste os estudantes desse tipo de estudo, talvez uma tradição dicotômica que separa o estudo das línguas do estudo da matemática e da lógica, talvez uma compreensão equivocada de que a linguagem humana não é passível de ser descrita por meio de um formalismo lógico – ou mesmo estudada cientificamente – criem um ambiente menos favorável a seu crescimento no Brasil. (Borges Neto, Müller e Pires de Oliveira, 2012, p. 143)

Hoje, 12 anos depois, você diria que o desafio para o crescimento da área no Brasil ainda é o mesmo?

ANA MÜLLER: Não, não diria que o desafio é o mesmo. Nossa área cresceu muito, ocupou muitos espaços e acho que já está bastante institucionalizada, mostrando grande vitalidade. Agora é seguir em frente como vocês estão fazendo.

REVISTA LINGÜÍSTICA: Diante disso, o que você diria para um estudante de graduação em Letras interessado em começar uma pesquisa em Semântica Formal? E o que dizer a um estudante que esteja inseguro com o raciocínio formal e matemático?

ANA MÜLLER: Céus... Eu diria que o início da formação pode ser mais trabalhoso do que em outras áreas da linguística, pois o treino em raciocínio lógico não faz parte de nossa área. Por outro lado, eu penso que, uma vez adquirido, esse aprendizado não tem preço. A gente leva pra a vida e ele nos ajuda no modo de pensar e agir sobre o mundo.

Além disso, penso que a Semântica Formal pode ser feita com vários níveis de profundidade, do mais descritivo ao mais teórico. Há espaço pra vários tipos de investigações.

REVISTA LINGÜÍSTICA: Por fim, poderia fazer um balanço geral da área destacando quais são as contribuições gerais e particulares da Semântica Formal?

ANA MÜLLER: A aquisição do raciocínio lógico, a capacidade de explicitar as premissas e as conclusões de uma pesquisa com coerência são essenciais em qualquer ciência. A capacidade de pensar de modo objetivo serve a todos. Penso que serve à sociedade em geral, pois torna as pessoas menos manipuláveis.

Às vezes, eu tenho a impressão de que muitos pesquisadores da área de Humanas acham que adquirir e usar a lógica significa falar com seus amigos em Forma Lógica, que significa uma incapacidade de se emocionar ou de escrever poesia, ou mesmo uma incapacidade de perceber fenômenos que não se reduzem a uma descrição através da lógica. Não vejo relação entre esses dois

extremos, pois pessoas incapazes de se emocionar e, por exemplo, de serem solidárias existem com qualquer tipo de raciocínio.

Uma excelente contribuição da Semântica Formal é que, além de fazer uso de formalismos lógicos, essa “linguagem técnica” é sempre a mesma (ela pode se expandir, é claro, mas é dificilmente descartada). Isso permite que as pesquisas dentro desse paradigma sejam mais facilmente comparáveis e possam mais facilmente se somar. Ou, o que também é uma vantagem, elas podem ser mais facilmente falsificadas.

## Referências

BORGES NETO, J.; MÜLLER, A. L. P.; PIRES DE OLIVEIRA, R. A semântica formal das línguas naturais: histórias e desafios. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 1, n. 20, pp. 119-148, 2012.

HEIM I.; KRATZER A., *Semantics in generative grammar*. Malden, MA: Blackwell Oxford, 1998.

PARTEE, Barbara H. The development of formal semantics in linguistic theory. *The handbook of contemporary semantic theory*, v. 11, p. 38, 1996.